

POLÍTICA

Descida das retenções na fonte do IRS é "quase uma brincadeira de mau gosto", diz João Duque

21.10.2020 às 17h21



João Duque professor e presidente do ISEG
NUNO FOX

Ex-presidente do ISEG critica medida prevista no Orçamento do Estado, proposta que não tem como garantido que seja a definitiva. "Não sei se estamos a perder tempo com o documento certo", ironizou. João Silva Lopes, que integra o governo-sombra do PSD, afirma ter "sérias dúvidas sobre o efeito virtuoso" do IVAucher



OCTÁVIO LOUSADA OLIVEIRA

João Duque, antigo presidente do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), não tem dúvidas de que a descida das taxas de retenção na fonte do IRS, inscrita pelo Governo Orçamento do Estado (OE) para 2021, é "inócua" e que não terá relevância no rendimento das famílias. "Quase considero uma brincadeira de mau gosto", observou o economista, no segundo painel das jornadas parlamentares do PSD, que decorrem esta quarta-feira na Assembleia da República.

"Dar mais um, dois ou três euros" mensais às pessoas não terá praticamente impacto na procura, antecipou o professor universitário, que criticou várias medidas do documento, que, ainda para mais, desconfia de que seja a proposta a valer. Traduzindo: acenou com a hipótese de vir a ser apresentada uma nova versão de OE, caso esta não reúna o apoio da esquerda. "Não sei se estamos a apreciar o documento certo ou a perder tempo com o documento certo", disse Duque.

Ladeado por Rui Rio, que moderou a palestra e ao final do dia deverá anunciar o sentido de voto da bancada social-democrata, o economista frisou duvidar da estratégia do Executivo de António Costa de estimular a economia, "de forma bastante generosa", pela via do consumo interno - sem que, no entanto, o investimento público tenha uma execução percentual mais alta do que em anos anteriores -, uma vez que têm vindo a ser dados "sinais muito fortes de contenção da mobilidade" dos cidadãos por causa da pandemia. Essa restrição, notou Duque, constitui "um problema": "Há o risco de se aumentar o rendimento das famílias e as pessoas continuarem a fazer o que fizeram até agora: poupar."

Por sua vez, João Silva Lopes, coordenador para a área da fiscalidade da Plataforma para o Crescimento Sustentável (*think tank* liderado por Jorge Moreira da Silva), fez uma intervenção mais curta em que escalpelizou, sobretudo, as questões fiscais do OE. Traçou um paralelismo entre a proposta e a alegoria da caverna, de Platão, vincando que o diploma desenhado por João Leão é "uma ilusão", tanto do lado da despesa como no plano dos impostos. Razão principal? As "poucochinhas" alterações face a 2020 poderão "induzir-nos no erro da perceção de estabilidade".

Já quando ao famoso IVAucher (que prevê a acumulação de descontos no primeiro trimestre do ano que podem ser utilizados nos setores da restauração, do alojamento e da cultura nos três meses seguintes), Silva Lopes, que Rio puxou para número dois de Joaquim Miranda Sarmiento na pasta das Finanças do Conselho Estratégico Nacional do PSD, reaçou que ter "dúvidas sobre o efeito virtuoso" da iniciativa e do seu resultado prático.